

SEGUNDO ISAÍAS: O ANÚNCIO DA PERMANENTE ESPERANÇA

Tércio Machado Siqueira

Este estudo pretende, antes de abordar o tema da esperança, oferecer um pequeno resumo histórico sobre os principais grupos envolvidos no exílio babilônico, no início do século VI antes de Jesus. Essa intenção envolve uma análise das possíveis condições de vida dos exilados, à luz das diferentes produções literárias, particularmente do grupo que estava próximo do profeta anônimo, hoje denominado Segundo Isaías. A intenção dessa abordagem inicial é se aproximar desse profeta para conhecer as circunstâncias que tanto afligiram esse grupo, bem como a sua teologia e a sua intenção.

O contexto histórico dos capítulos 40-55 do livro de Isaías compreende dois períodos políticos dominados por dois impérios da Mesopotâmia. A importância dos acontecimentos do século VI antes de Jesus, é tão grande quanto os pronunciamentos contidos nesses dezesseis capítulos. Esse pequeno espaço da história bíblica abriga três principais atores, a saber, os impérios da Babilônia e da Pérsia e o povo de Israel.

1. O Império da Babilônia, através do comando do seu mais notável comandante, Nabucodonosor (604-562 aC), empreendeu uma incursão à terra de Israel, trazendo trágicas conseqüências para o pequeno Reino de Judá. Certamente, esta vitória não é a mais espetacular e importante dos babilônios. Certamente, essa invasão é vista pelos repórteres e teólogos bíblicos como um dos acontecimentos mais trágicos e significativos da história do povo israelita. O povo perdeu, entre os anos 597 e 582 aC, a terra, a cidade de Jerusalém, o seu Templo e a sua teologia ufanista. O solitário profeta Jeremias avisou sobre essa possibilidade aos habitantes de Jerusalém (conforme 7,1-15; 28), mas a tragédia aconteceu implacavelmente.

A vitória sobre Judá e Jerusalém representou para Nabucodonosor a conquista de um acesso fácil e direto para interromper e segurar o sonho egípcio de reconquistar o mundo. Imediatamente após a destruição de Jerusalém (587 aC), o seu exército marchou contra a cidade de Tiro e o Egito, respectivamente em 585 e 586 aC. Os seus sucessores – Sasabassar e Nabônides – não tiveram a mesma competência e garra de Nabucodonosor, e o império sucumbiu diante de Ciro da Pérsia, em 539 aC.

2. O segundo agente da história do Antigo Oriente Médio foi a Pérsia. A história desse império se destacou quando ele se uniu aos babilônios na luta contra os assírios (612 aC). Desde essa data, os persas empreenderam conquistas. Ciro tornou-se seu conquistador maior: derrotou a Babilônia, em 539 aC, e isso trouxe muita alegria para os judeus exilados. O profeta anônimo do exílio o chamou de “ungido de Javé”, para afirmar que a razão dessa vitória era Javé (Is 44,28; 45,15). Procurando conquistar a simpatia dos exilados judeus, Ciro assina um edito, permitindo a volta dos exilados judeus para Canaã (Esd 1,1-10).

3. Para uma mais clara compreensão dos capítulos 40-55 do livro de Isaías, faz-se necessário analisar a situação do povo israelita que foi deportado para a Babilônia.

Primeiro, é necessário, para esta análise, mencionar o número das pessoas levadas para o cativeiro. A bem da verdade, há muitas incertezas a respeito dos exilados, especialmente, sobre o número do povo deportado. O profeta Jeremias calcula que foram levadas 4.600 pessoas, sem mencionar, nesse cálculo, se estavam incluídas as mulheres e as crianças (Jr 52,28-30). Há muita probabilidade de que a população de exilados israelitas tenha chegado a quinze mil pessoas, segundo Claus Westermann¹.

Em segundo lugar, é necessário estudar as possíveis condições em que viveram os exilados israelitas na Babilônia. O Antigo Testamento possui, basicamente, duas fontes de informação sobre a vida dos exilados: Ezequiel e Isaías 40-55. A bem da verdade, o Salmo 137 deve ser incluído nessa lista de testemunhas. As três deportações – 597, 587 e 582 aC – provavelmente indicam que houve diferentes centros de prisão e trabalho. Pelo menos, a leitura desses três documentos sugerem que os exilados tiveram diferentes comunidades.

A favor do argumento que o povo exilado desfrutou de uma vida estável e próspera na Babilônia está, primeiramente, a carta do profeta Jeremias, que faz crer que o primeiro grupo de deportados israelitas desfrutou da liberdade de construir casas e plantar pomares (Jr 29,4-9). Essa evidência é reforçada pelas observações de Ezequiel, sugerindo que, pelo menos, um dos grupos de israelitas vivia numa próspera comunidade (Ez 3,15; 8,1; 14,1; 33,30-31). Como segundo argumento, está a crescente evidência de que a instituição Sinagoga teve sua origem entre os exilados da Babilônia. Isso sugere que havia entre eles uma comunidade israelita que desfrutava da liberdade de se reunir para estudar e celebrar a fé. Uma terceira constatação observa que as melhores expressões e demonstrações da manutenção e continuidade das tradições de Israel aconteceram fora de Judá, através das profecias de Ezequiel e do Segundo Isaías, proclamadas na Babilônia, entre os exilados. O Talmud Babilônico pode ser visto como resultado positivo da comunidade judia na Babilônia.

Podemos deduzir, em vista das evidências históricas e produções literárias, que a comunidade de israelitas gozou de alguma liberdade e até de privilégios na Babilônia. Também é possível reunir alguns argumentos para afirmar que a condição social desse grupo não era favorável aos exilados.

A reportagem de 2Reis 25,8-22 é sugestiva para o início dessa discussão. Os exilados pertenciam a diferentes grupos da sociedade de Jerusalém que possuíam e detinham cargos de liderança. A favor dessa informação está o argumento de que os babilônios levaram pessoas competentes e influentes, pois eles tinham o interesse de desarticular qualquer tipo de reação dos israelitas. Fica claro que aos conquistadores não interessava levar pessoas politicamente neutras ou simpáticas a eles, como é o caso de Jeremias (Jr 40, 1-6).

1. WESTERMANN, Claus. *Isaiah 40-66*. Philadelphia: The Westminster Press, 1977, p. 5.

Há, pelo menos, duas evidências de grupos que não deram certo na Babilônia. O primeiro grupo de descontentes está mostrado no Salmo 137. As declarações desse salmista revelam que havia uma comunidade fiel às tradições e à teologia ensinadas em Jerusalém. A posição radical desse grupo levava-o a pensar que somente em Jerusalém poder-se-ia celebrar a Javé.

O segundo grupo de exilados mal-sucedidos está relatado nos quatro cantos do Servo de Javé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12). Esses textos estão repletos de termos que relatam a péssima condição de vida que eles desfrutavam na Babilônia. O exemplo mais nítido dessa constatação encontra-se no quarto canto (52,13-53,12), quando o profeta faz uma minuciosa reportagem sobre o servo de Javé, uma caracterização do povo exilado. Provavelmente, o profeta está expondo um relato grupal sobre o sofrimento de um grupo de exilados. Por esse relato, a vida dos exilados está submetida à enfermidade. O termo hebraico usado nos versos 3-5 é *holî*, doença. Este termo caracteriza bem o estado físico do grupo de exilados: pessoas afligidas por dores e doenças. A palavra hebraica *holî* é o mais apropriado termo para explicar o que se passa no íntimo – no físico e no psicológico – de uma pessoa que sofre (conforme Jó 33,19-22; Sl 38).

É exatamente a segunda unidade do livro de Isaías que nos propomos a analisar. É bastante interessante perceber o distanciamento da linguagem teológica de Isaías 1-39. Eis uma questão fascinante e que constitui um desafio para os estudiosos e as estudiosas da Bíblia.

Segundo-Isaías: uma tipologia da tradição do êxodo?

Alguns exegetas têm tentado encontrar uma explicação para a junção dos blocos de Isaías 1-39, Isaías 40-55 e Isaías 56-66. Com a finalidade de informar aos interessados e às interessadas sobre esse tema, passo-lhes uma bibliografia recente².

Todavia, nossa intenção é afunilar a questão para a tradição que norteia a teologia dos capítulos 40-55. Esse é um assunto que devemos ter cautela ao abordar e tirar conclusões, já que tal discussão deve ser colocada no nível da compreensão bíblica da história. Entretanto, ao longo de séculos, a exegese bíblica tem tratado da tradição do bloco Isaías 40-55, pelo menos, de três maneiras.

1. Inicialmente, é preciso dizer que a alegoria foi um método de interpretação bíblica usado pelos Pais da Igreja. A alegoria pressupõe uma visão da existência que deprecia, se não abole, a significação do tempo concreto, histórico. Segundo esse ponto de vista, o homem encontra a realidade ao se libertar do tempo e da história, relacionando-se com aquilo que é intemporal e eterno. A história concreta não é o âmbito da realidade; dessa forma, não há lembrança de um passado que forma o presente ou não

2. BARSTAD, H.M. *A Way in the Wilderness*. JSS Monographic Series, 2. Manchester: University of Manchester, 1989, p. 1-7; ZENGER, E. O Deus do êxodo na mensagem dos profetas: o exemplo de Isaías. *Concilium*, 209, Petrópolis 1987, p. 25-37; O'KANE, Martin. *Isaiah: A Prophet in the Footsteps of Moses*. JSOT 69, 1996, p. 29-51; cf. WESTERMANN, Claus. *O Antigo Testamento e Jesus Cristo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1979.

há esperança para um futuro de cumprimento. Eventos históricos movem-se para um eterno ciclo de recorrência. Na verdade, a história passada não possui grande relevância para a alegoria, uma vez que o passado é visto com certo grau de irrelevância. Os eventos históricos são somente incorporações de verdades intemporais. Não é surpresa dizer que a alegoria floresceu na cultura grega, especialmente sob a influência de Platão. Isso mostra que a interpretação alegórica toma os ensinamentos bíblicos como similitudes das verdades racionais.

2. Enquanto a alegoria deprecia a história concreta como meio para a interpretação da Bíblia, a tipologia toma a sério os eventos históricos. Para tal, a tipologia vê os eventos, não como simbologias das verdades eternas ou princípios permanentes, mas ela os toma como elementos da realidade. Esses momentos históricos, como o êxodo dos hebreus do Egito, formam a esfera da ação de Deus para inaugurar uma nova era do mundo. Assim, os acontecimentos do passado são vistos como antecipação do evento decisivo ou o cumprimento final da história.

A tipologia interpreta o texto de Isaías 40–55 como parte dessa cadeia de eventos que apontam para um momento crucial na história. Do ponto de vista desse método de interpretação, o êxodo constitui-se num acontecimento prévio ou antecipação do evento decisivo, mas ele não é visto como a matriz de idéias que produziu Isaías 40–55. Antes, a história do êxodo é vista como a esfera da ação de Deus que inaugura uma nova etapa que pode incluir Israel e as nações³.

A tipologia é um método que toma o texto bíblico como um meio para entender e interpretar a história bíblica como uma unidade. Basicamente, esse método de interpretação bíblica tem sido muito adotado pelos cristãos. Ele parte da suposição que os eventos do Antigo Testamento, vistos a partir da perspectiva da fé cristã, prefiguram e apontam para o evento decisivo da história, a saber, Jesus, o Cristo. Assim sendo, o texto de Isaías 40–55 constitui um estágio desse drama que se encaminha para o desfecho final. O evento, descrito por esse texto do livro de Isaías, está carregado de tipos ou imagens que ajudam a visualizar e antecipar o tempo final. Como se percebe, a tipologia valoriza a história como forma de interpretar a Bíblia.

3. A chegada de novos métodos de interpretação bíblica tem possibilitado novas alternativas para estudar e interpretar a Bíblia. O modo de ver a Bíblia como uma unidade em torno de Cristo sempre favoreceu aos cristãos. Contudo, esse é um exercício perigoso que precisa ser analisado com profundidade e coragem pelos/as exegetas cristãos/ãs⁴.

A tipologia, quando empregada para mostrar a unidade cristocêntrica da Bíblia, pode – e muitas vezes ela faz – impor uma unidade artificial sobre as Escrituras que, freqüentemente, resulta em uma super interpretação do Antigo Testamento.

3. Veja ANDERSON, Bernhard W. Exodus Typology in Second Isaiah, em: *Israel's Prophetic Heritage*. Bernhard W. Anderson e Walter Harrelson (editores). London: SCM Press Ltd., 1962, p. 177-195.

4. RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, vol. 2, 1974, p. 375-387.

A tipologia interpreta o texto de Isaías 40–55 como parte dessa cadeia de eventos que apontam para um momento crucial na história. Do ponto de vista desse método de interpretação, o êxodo constitui-se num acontecimento prévio ou antecipação do evento decisivo. Dessa forma, o evento êxodo não constitui a matriz de idéias que produziu Isaías 40–55. Antes, a história do êxodo é vista como a esfera da ação de Deus que inaugura uma nova etapa que pode incluir Israel e as nações.

Tomando Isaías 40–55 com a tarefa de interpretá-lo, é preciso lê-lo como um texto produzido a partir da cultura hebraica, em um dado momento da história do povo de Israel. Como tal, ele faz parte da herança de fé desse povo. Portanto, Isaías 40–55 não deve ser lido e interpretado como uma consequência de um evento anterior que constitui a sua matriz de idéias. Esse ponto de vista é muito atraente, porém inibidor da intenção que cada texto bíblico possui. Se levássemos a sério a proposta da tipologia, teríamos que reconhecer que cada texto bíblico guarda uma “caixa preta” contendo a matriz de seu sentido. A leitura e a análise de Isaías 40–55 nos fornece um novo entendimento. A história de Israel é palco da ação de Deus. Ao longo da história, o povo de Israel assumiu diferentes visões do mesmo ato salvífico de Deus na história.

Embora a interpretação tipológica continue gerenciando a nossa interpretação bíblica, através do conceito de “promessa e cumprimento”, reagimos a essa tendência. Apesar disso parecer evidente e estar em consonância com muitos textos do Novo Testamento, não é propriamente essa relação entre promessa e cumprimento que a Bíblia quer mostrar.

Constatamos, na leitura de Isaías 40–55, que um dos seus temas dominantes é o do “novo êxodo”. É possível constatar que outros profetas, anteriores a ele, recorreram à história do êxodo, mas foi o Segundo Isaías que tomou esse tema e o colocou numa dimensão escatológica. O Primeiro Isaías tinha feito uma abordagem semelhante com o tema da “nova Jerusalém”. Ambos usaram métodos de interpretação semelhantes.

O autor de Isaías 40–55, mais tarde, apropria-se da memória do êxodo, com sua linguagem e sua teologia da libertação, e lhe dá uma nova interpretação, totalmente voltada para atender as carências do povo exilado. Evidentemente que o profeta do exílio, conhecedor da memória do êxodo, leu os fatos e os interpretou de forma tipológica. Depois dessas considerações, elencamos os textos do Segundo Isaías que reportam ao êxodo.

1. 40,3-5 A auto-estrada no deserto.
2. 41,17-20 A transformação do deserto.
3. 42,14-16 Javé leva o seu povo por um caminho desconhecido.
4. 43,1-3 Javé faz seu povo passar pelas águas e pelo fogo.
5. 43,14-21 A caminho no deserto.
6. 48,20-21 O êxodo da Babilônia.
7. 49,8-12 A nova entrada na Terra Prometida.

8. 51,9-10 A nova vitória no mar.
9. 52,11-12 O novo êxodo.
10. 55,12-13 Israel sairá em alegria e paz.

Seria impróprio, diante destes textos, afirmar que o profeta anônimo do exílio tomou alguns eventos significativos do passado, que guardam algumas similaridades, para ilustrar a situação presente do povo. Não se trata de uma unidade artificial, linguagem literária aproximada ou a equivalência de verdades racionais. Não podemos discutir essa recorrência de textos permanecendo no nível da semelhança literária. Nem tampouco devemos tomar o autor de Isaías 40–55 simplesmente como um astuto pensador ou um inspirado poeta. Também não é aconselhável reduzir a relação entre os acontecimentos do êxodo e do exílio babilônico ao simples conceito de “promessa e cumprimento”. É preciso ir além da mera letra que o texto nos fornece.

Em primeiro lugar, o autor de Isaías 40–55 tem contribuído para o problema da interpretação do Antigo Testamento. Esse pequeno livro põe em evidência a relação entre Deus e o mundo, entre a história concreta e a história salvífica. Contudo, é importante perceber que ele representa uma interpretação histórica cujo eixo é nitidamente vertical. Portanto, fixar a interpretação de Isaías 40–55 em esquemas racionais e rígidos é realmente perigoso.

Como segundo ponto, é preciso destacar que a fé desempenha uma participação fundamental na interpretação do autor. Aqui não se descarta a contribuição da interpretação tipológica. Entretanto, a hermenêutica de Segundo Isaías acrescenta elementos, próprios da fé, que enriquecem sua análise da sua realidade concreta. Esse processo de interpretação, hoje, tem recebido muitos nomes: releitura, re-interpretação, re-significação, re-conceituação, entre outros. Não importa o nome que dermos ao magistral esforço feito por esse profeta do exílio. O mais importante é que ele anunciou, para a sofrida comunidade israelita na Babilônia, que um novo êxodo iria acontecer, fazendo renascer a esperança entre eles. Com isso, ele anunciou, de modo maravilhoso, que Deus, pela segunda vez, iria trazer de novo o seu povo para a liberdade na terra de Canaã.

Finalmente, queremos destacar que o autor de Isaías 40–55 foi reconhecido pela comunidade exílica e pós-exílica como alguém que possuía palavras de permanente significado para toda a humanidade. Suas palavras ajudaram a libertar a religião do povo israelita dos detalhes de sua história passada. Assim, esse profeta ajudou a desatar as amarras que prendiam a proclamação da palavra de Deus às atraentes e interessantes peculiaridades da história passada. Em outras palavras, o profeta exílico recorreu à história do êxodo não como uma lembrança saudosista, mas como memória ativa, pedagógica e salvífica.

Tércio Machado Siqueira
Caixa Postal 5151
09731-970 Rudge Ramos
São Bernardo do Campo, SP